

Revista Caminhando, vol. 8, n. 2 [12], (2003)

Fragmentos e Cacos de *Experiência*¹

Relações sociais de poder e gênero
na teologia wesleyana

*Nancy Cardoso Pereira*²

Mehetabel Wesley (1697–1750) e Sarah Crosby (1729-1804) são duas mulheres inglesas no século XVIII. As duas tinham em comum a convivência com John Wesley e o movimento metodista. As duas escreveram. Textos distintos de mulheres próximas e distantes.

Mehetabel era uma das muitas filhas de Susana e Samuel Wesley. Susana Wesley teve 19 filhos e filhas: dez sobreviveram (7 meninas e 3 meninos)³. Conhecemos bem a história do filho John, alguma coisa sobre Charles – o músico e poeta. Havia um outro irmão. Mas, as irmãs Wesley são desconhecidas... a não ser pela biografia complicada e os poemas de Mehetabel. Ela nunca se encaixou na experiência religiosa da família e traçou um caminho difícil que se expressa na literatura. Mãe solteira, um casamento infeliz, a dor pela morte do filho, a incompreensão e o isolamento da família. Publicava seus poemas em revistas da época e circulava em círculos literários. Seus poemas demonstram uma crítica a valores estabelecidos para as mulheres, como por exemplo, o casamento (Wedlock. A satire) e autoridade paterna (To Her Father):

¹ Este texto é para Eliade, pastora metodista das ruas e das mulheres pobres de São Paulo, porque ela conhece a dor e a alegria de ser mulher metodista.

² É pastora metodista, teóloga e agente de pastoral da Comissão Pastoral da Terra.

³ <http://www.susanpellowe.com/sw/bio.html>

Em vão, confundido Senhor, reclusas.
 Seu olhar zangado torna a dor interminável.
 Seu rigor, quando és mais ameaçador,
 Tenta ferir a minha paz em vão.⁴

Sarah se aproximou dos Wesley numa das campanhas de avivamento religioso e se comprometeu decididamente com o movimento metodista. Começou trabalhando na escola dominical, se tornou líder de uma classe metodista e teve seu testemunho reconhecido pelas lideranças do movimento. Até que foi surpreendida por um número cada vez maior de pessoas que atendiam às reuniões por ela lideradas. Numa noite, com mais de 200 pessoas presentes, Sarah foi além do testemunho e pregou. O sucesso da reunião não diminuiu seu temor em relação às críticas das lideranças metodistas. Temerosa, ela escreve uma carta para John Wesley contando o que havia acontecido: *Se eu não acreditasse que recebi um extraordinário chamado, eu não teria agido de modo tão extraordinário.*⁵

A resposta de John vem também na forma de carta: ele reconhece a força do chamado de Sarah como de outros irmãos leigos e não tem intenção de conter esta realidade. Entretanto, ele considera a necessidade de se manter regras de disciplina. Lembra Paulo, que não permitia que as mulheres falassem na congregação... mas, em alguns casos, aceitava exceções. Termina se afirmando um afetuoso irmão, John Wesley.

O desafio de pensar as relações de gênero na teologia wesleyana quase sempre percorre o caminho fácil do reconhecimento da importância da experiência das mulheres e da abertura de alternativas de participação para elas. De certo modo já educamos nosso olhar sobre as origens do metodismo e sua teologia com esta pré-concepção da validade das experiências das mulheres que teriam contribuído na formação de relações de gênero mais igualitárias na experiência eclesial e na teologia wesleyanas.

⁴ <http://www.triangle.co.uk/wow/pdf/04-1-ek.pdf>

⁵ <http://rylibweb.man.ac.uk/data1/dg/methodist/methfem.html>

Mas, a narrativa sobre as origens faz escolhas, elenca e edita a lista dos nomes das mulheres e das experiências que devem ser consideradas. Mehetabel e Sarah tiveram experiências difíceis e corajosas. As duas estavam lá, naquele começo... mas, de algum modo, a memória insiste em fragmentos de Sarah e silencia sobre os cacos de Mehetabel.

Talvez... o nó esteja na experiência mesmo! É o significado de *experiência*, no metodismo, que cria esse abismo entre as duas e tantas outras. É sobre o papel da *experiência*, na teologia wesleyana, que a crítica feminista e de gênero precisa se deter. Volto à história das origens do metodismo como lugar hermenêutico desta busca. Visito minhas irmãs metodistas e as irmãs dos metodistas do passado porque quero, muito mesmo, entender os espaços internos de poder dentro de nossa tradição comum: viver o Evangelho de Jesus caminhando com o povo que se chama metodista.

Quero refletir sobre as relações sociais de gênero na teologia wesleyana. Para dizer *de gênero* preciso dizer também da questão *de classe social*... porque gênero é uma categoria relacional que pede para ser entendida/usada/percebida no entretecer das relações sociais de poder (classe/gênero/etnia/geração). Volto às origens do metodismo: Inglaterra. Não quero só os fragmentos de vidas de mulheres... quero também os cacos⁶.

1- O contexto da *experiência*: empobrecimento e crise

O movimento wesleyano tem sua origem nos improvisos entusiastas do século XVIII, suas rupturas e rudezas. Estamos na Inglaterra: capital e máquinas devoram o que sobrava da antiga estrutura

⁶ Existe pouca literatura disponível sobre o assunto o que me motivou a apresentar de modo detalhado os recursos existentes. Boa parte das informações, aqui apresentadas, podem ser encontradas na internet possibilitando um aprofundamento das questões; confira endereços nas notas de rodapé.

política e econômica que organizava a produção no sistema doméstico agrário e artesanal. A organização de indústrias pesadas em bases capitalistas forçaram uma super-exploração de recursos minerais (em especial carvão) e recursos humanos re-desenhando o perfil demográfico do país⁷, re-criando as condições necessárias para a acumulação de capitais e a violência extensiva do imperialismo inglês no mundo⁸.

Os/as primeiros/as metodistas devem ser procurados numa Inglaterra operária e fabril, entre deslocamentos humanos intensos, num tecido social em tensão e em busca por um método/metodismo de uma nova subjetividade para o novo tempo. Eram tempos de uma luta de classes ainda sem tradição, do susto de se sentir “massa” pela primeira vez, da sofreguidão dos mercados e a luxúria de seus preços, das velhas orações inadequadas, elitizadas e insuficientes. Fome. Doença. Dívida. Alcoolismo.

A situação na sociedade inglesa quando do surgimento do movimento metodista era de extrema desigualdade social e violência. Famílias inteiras – inclusive crianças e mulheres – trabalhavam nas indústrias por mais de 16 horas com salários irrisórios, péssimas condições de higiene, moradia e saúde⁹.

A grande concentração de famílias desocupadas – sem acesso aos meios de produção e de consumo ao lado do fortalecimento e enriquecimento das minorias latifundiárias, comerciantes e industriais – marcava a sociedade inglesa de profundas contradições e conflitos que se expressavam: nos Riots of Food (Saques de Comida)¹⁰, na

⁷ Ellen Meiksins WOOD, *As Origens Agrárias do Capitalismo*, in: Crítica Marxista no. 10, Boitempo, São Paulo, 2000, p. 26 (a população urbana na Inglaterra no século XVIII era de aproximadamente 40%; na França, não passava de 14% e na Alemanha, 10%).

⁸ Rosa LUXEMBOURG, *Acumulação de Capital: contribuição ao estudo econômico do imperialismo*, Nova Cultural, São Paulo, 1985.

⁹ Maiores informações: E. J. HOBBSAWM, *A Era das Revoluções. 1789-1848*, 2ª ed., Editorial Presença, Lisboa, 1982; sobre trabalho infantil: <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/IRchild.htm>

¹⁰ Maiores informações sobre saques de comida: www.britannia.com/history/forum/messages/1766.html; John ARCHER, *Social Unrest and Popular Protest in England, 1780-1840*, Cambridge University Press.

grande profusão de movimentos de defesa de direitos trabalhistas, no surgimento organizado de movimentos de mulheres (defesa de direitos educacionais e trabalhistas, contra o alcoolismo, contra violência doméstica¹¹), e no fortalecimento dos movimentos contra a escravidão¹². Todos estes movimentos vão ter conseqüências profundas na organização política e sindical na Inglaterra do século XIX e até os dias de hoje.

O que o metodismo teria a oferecer numa situação como esta? Por que encontrou grande aceitação especialmente entre as classes trabalhadoras e as mulheres?

O uso de pregadores carismáticos, que pregavam às populações no dialeto que falavam, deu um sentido de inclusão social. O metodismo se fez uma expressão de fé popular; as reuniões eram realizadas nas casas e nos celeiros; o caráter doméstico permitia uma simbiose da espiritualidade e racionalidade metodista com as expressões da cultura popular pré-existentes. O metodismo traduzia o senso comum num idioma religioso, agindo como uma ponte entre velho e novo, antigo e moderno¹³.

O metodismo oferecia um senso de comunidade, organizando as pessoas em classes para estudo da Bíblia, planejamento de atividades comuns de evangelização ou mutirões de coleta de fundos para o movimento. Trabalhadores que migravam pelo país e que possuísem uma carta de apresentação como metodista eram bem recebidos e inseridos numa outra comunidade e classe local. Havia um profundo estímulo para a aprendizagem da Bíblia e da habilidade para falar

¹¹ Maiores informações sobre movimentos de trabalhadores e mulheres: oasis.gcal.ac.uk/teaching/historyweb/cdromteaching/WOMEN/rendell/core1.htm
Susie STANLEY, Empowered Foremothers: Wesleyan / Holiness Women Speak to Today's Christian Feminists, vol 24, Numbers 1 & 2, Spring-Fall, 1989 <http://wesley.nnu.edu/WesleyanTheology>

¹² Maiores informações sobre o movimento contra a escravidão: <http://www.spartacus.schoolnet.co.uk/slavery.htm>;

¹³ Tradução livre de: D.LUKER, *Cornish Methodism, Revivalism, and Popular Belief*, c. 1780-1870, unpublished PhD thesis, University of Oxford, 1987 citado in: <http://www.cornish-mining.org.uk/comcult/religion.htm>

em público. Lideranças locais eram desenvolvidas e assumiam tarefas de coordenação das atividades ou eram aceitas como pregadores itinerantes. Mais tarde, algumas destas lideranças vão se tornar fundadores e fundadoras de sindicatos, organizações de defesa de direitos – em especial da emancipação das mulheres – e da política partidária.

Pesquisas e levantamentos confirmam que as mulheres sempre foram maioria no movimento metodista. Mesmo reconhecendo que as mulheres tinham igual acesso à experiência de conversão e de santificação, o movimento metodista confirmava o status subordinado das mulheres. Durante o período de liderança de John Wesley, a ênfase na *experiência* religiosa garantiu para muitas mulheres a possibilidade de compartilhar funções importantes na pregação, na coordenação de classes, ensino na escola dominical, visita e apoio a famílias e doentes e, até mesmo, liderança em algumas cidades e circuitos.

Wesley permitia que as mulheres fossem pregadoras apesar de reconhecer que isso contrariava um ensinamento bíblico. Num primeiro momento, desenvolveu uma distinção questionável entre testemunho e pregação, identificando a fala das mulheres com a primeira opção. Depois, passou a reconhecer a evidência da graça e bênção de Deus que permitia que as mulheres pregassem em situações extraordinárias, sempre autorizadas pelas lideranças masculinas¹⁴.

Alguns nomes de mulheres sempre são lembrados por sua reputação e testemunho: Susana Wesley, Ann Cutler, Hester Ann Roe-Rogers, Hannah Harrison, Eliza Bennis, Jane Cooper. Outras se viram envolvidas em controvérsias, logo nos inícios do movimento metodista (1760), sobre a possibilidade de assumirem a função de pregadoras. Com a difícil aprovação por parte de John Wesley e ou-

¹⁴R. MADDUX, *Wesleyan Theology and the Christian Feminist Critique* [http:// wesley.nnu.edu/WesleyanTheology/theojrnl/21-25/22-07.htm](http://wesley.nnu.edu/WesleyanTheology/theojrnl/21-25/22-07.htm)

tras lideranças, Sarah Crosby e Mary Bosanquet-Fletcher foram aceitas como pregadoras abrindo a possibilidade para outras mulheres¹⁵.

Com o passar do tempo os metodistas se separam da Igreja Anglicana e a geração pós-Wesley assume a tarefa de organização da Igreja Metodista na Inglaterra e demais países. Este período de organização e definição do metodismo foi marcado por uma crescente concentração da influência do clero – exclusivamente masculino – não confirmando a intuição igualitária inicial e dificultando de modo sistemático o desenvolvimento da participação dos leigos – em especial das mulheres – inviabilizando conquistas e adiando oportunidades.

O século XIX¹⁶ vai ser marcado pelo crescimento do movimento metodista nos Estados Unidos e outros países confirmando a participação massiva de mulheres nos movimentos de avivamento, formação e liderança de grupos, trabalhos na área de educação e saúde, organização de trabalho missionário, mas, sem a garantia de direitos iguais na administração e produção teológica da igreja. Somente no final do século XIX e na primeira metade do século XX os debates em torno da plena participação de leigos e mulheres volta a receber atenção – novamente com forte influência de movimentos por direitos civis, contra o racismo e o sexismo¹⁷.

A continuação desta história até a chegada do metodismo no Brasil é longa e não pode ser aprofundada aqui. A pergunta que fica é: o que teria acontecido com a legitimidade que nascia da experiência religiosa e do compromisso comunitário? Por que já não mais validava a participação igualitária das mulheres?

¹⁵*Sources for Women's Studies in the Methodist Archives.* <http://rylibweb.man.ac.uk/data1/dg/methodist/methfem.html>

¹⁶Melissa TURNER, *Women's History – Then & Now: An overview of women in Protestantism from the 19th century to the modern day* - www.cwrl.utexas.edu/~ulrich/femhist/protestantism.shtml

¹⁷Reconstruction, Prosperity, and New Issues, 1866–1913, *The Book of Discipline of The United Methodist Church* - 2000 - <http://www.umc.org/churchlibrary/discipline/history/reconstruction.htm>.

2 - *Experiência* e teologia: relações sociais de poder e gênero

Num primeiro momento, o que habilitava estes homens e mulheres da classe trabalhadora para o desempenho de funções de liderança era o forte apelo à *experiência* pessoal que marcava o movimento metodista em sua origem. Marcado como religião do coração, o metodismo se apresentava para os mais simples e não-educados como uma possibilidade de inclusão dos pobres.

Distanciando-se das doutrinas de eleição e predestinação, o metodismo criava uma alternativa viável para um protagonismo religioso dos pobres que encontravam na *experiência* religiosa uma afirmação de sua humanidade para além das categorias sociais de opressão e submissão. O metodismo articulava a *experiência* pessoal com a disciplina comunitária, criando um tecido social que respondia às necessidades de uma nova subjetividade e um novo imaginário social que correspondia às transformações de seu tempo.

Uma herança marcada pelo diálogo inesperado entre a tradição anglicana e puritana, por um lado, e a recorrente e cuidadosa referência a textos da tradição patrística e da teologia da reforma, por outro lado, pode sugerir uma falta de originalidade teológica em relação aos temas e ao léxico da teologia wesleyana. Mas, a originalidade talvez esteja na proposta de manter a circularidade entre Escritura, Tradição, Experiência e Razão, mesmo que isso possa constituir um discurso teológico fraco, entendido como a habilidade de evitar dogmatismos e fundamentalismos infrutíferos.

Na teologia wesleyana, a justificação pela graça deixa de ser entendida como atributo dos eleitos, dependente de um intrincado processo de eleição divina, para ser afirmada como processo de santificação acessível mediante a *experiência* pessoal que se realiza no compromisso metódico e comunitário da vivência e testemunho da fé.

Mesmo recebendo influência de modelos teológicos e metafísicos marcados por um fundamentalismo dedutivo e abstrato – típico da teologia escolar da época – o metodismo em sua origem desenvolveu uma teologia com ênfase vivencial e prática que considerava o caráter construtivo das formulações teológicas sempre expostas a novas reformulações e críticas a partir das *experiências* das pessoas.

Neste ponto é de fundamental importância, na teologia wesleyana, o testemunho interno do Espírito Santo como fundamento sobre o qual a autoridade bíblica constrói sua inteligibilidade voltando-se novamente para a *experiência*: reconhecimento de que somos filhos/crianças de Deus e o resultado imediato deste testemunho é a vivência do Fruto do Espírito, entendido como amor, alegria, paz... Sem esta expressividade concreta, ele não se realiza¹⁸.

Neste sentido, *experiência* é entendida como uma operação interna – expressão do ser ou da consciência – que projeta uma subjetividade na forma de identidade essencial, de caráter universal, acessível a todos. Este apelo à *experiência*, no avivamento wesleyano de origem, oferecia a democracia da *experiência* de Deus como possibilidade real para homens e mulheres, independente da condição social, das relações de poder e gênero. O universalismo e o essencialismo da *experiência* religiosa trazia promessas maiores para os pobres e as mulheres porque os incluía como iguais na gênese mesmo da religião e viabilizava o conhecimento/experiência de Deus como experiência sensorial, uma realidade pré-discursiva, diretamente sentida e conhecida.

A grande dificuldade na história da teologia wesleyana está em determinar o que se entende como *experiência*. A experiência do coração aquecido de Wesley (24 de maio de 1738) tem sido paradigmática e conflitiva ao mesmo tempo¹⁹. Dependendo da compreen-

¹⁸ John WESLEY, *The Witness of the Spirit* (II), Sermon 11, II/1, 1767: [http:// gbgm-umc.org /umhistory/ wesley/ sermons/serm-011.stm](http://gbgm-umc.org/umhistory/wesley/sermons/serm-011.stm)

¹⁹ Sobre esta discussão: *Current theological trends in united methodism: a critical evangelical assessment*. [http:// catalystresources.org/ issues/ 273collins.html](http://catalystresources.org/issues/273collins.html); K. COLLINS, *Twentieth-*

são eclesiológica, o olhar sobre o 24 de maio pode assumir uma perspectiva fundante e estruturante ou parcial e gradual. O cuidado que se deve ter aqui é o de não isolar nem idealizar a narrativa do 24 de maio, evitando uma normatividade excessivamente personalista da pessoa de John Wesley e tratando de manter a dimensão histórica do conjunto das narrativas sobre a origem do metodismo.

No século XVIII, experiência e experimento tinham vínculos fortes a partir da filosofia empirista (em especial John Locke-1632/1704) que valorizava a experiência/experimento como fonte de conhecimento²⁰, mas também um tipo de consciência, de reflexão sobre os eventos experimentados/observados, lições aprendidas do passado²¹, uma forma de verdade que cria condições para a racionalização. Mesmo reconhecendo o pouco esforço filosófico da teologia wesleyana em sua origem, seria possível perceber horizontes epistemológicos comuns, mesmo que não assumidos.

Assim, para o metodismo – em sua origem – *experiência* significava transformar uma tradição/escritura recebida ou imposta numa tradição/escritura acolhida na tensão entre razão e sensibilidade. O cristianismo moldado como extensividade na cultura precisava ser assumido livremente e existencialmente para que tivesse significado e relevância. Esta livre adoção se baseava no suposto caráter universal e essencial da experiência.

Neste sentido, a *experiência* religiosa é um acontecimento hermenêutico que, ao mesmo tempo, constitui o sujeito da interpretação e a mediação interpretativa. A *experiência* religiosa que o metodismo fazia exigia a auto-implicação da pessoa – razão e sensibilidade – na afirmação do amor e da graça de Deus. A leitura que se fazia

Century Interpretations of John Wesley's Aldersgate Experience: Coherence or Confusion? [http:// wesley.nnu.edu/WesleyanTheology/theojrnl/index-21-25.htm](http://wesley.nnu.edu/WesleyanTheology/theojrnl/index-21-25.htm); Randy MADDOX, *John Wesley: Practical theologian?* [http:// wesley.nnu.edu/ WesleyanTheology/ theojrnl/ 21-25/23-08.htm](http://wesley.nnu.edu/WesleyanTheology/theojrnl/21-25/23-08.htm)

²⁰ Carlos MARTINS, João MONTEIRO, John Locke, introdução, in: *Os Pensadores*, Abril, São Paulo, 1983

²¹ R. WILLIAMS, *Keywords*, Oxford University press, New York, 1983, p.126

da Bíblia exigia que o texto fizesse sentido nele mesmo e assim se fizesse autoridade na vida concreta das pessoas e suas relações. A vivência da tradição cristã exigia não mais o seguimento de regras e normas impostas, mas a profissão voluntária da fé e da vida comunitária.

A articulação entre Experiência – Razão – Tradição – Bíblia nas origens do movimento metodista é, ao mesmo tempo, a fraqueza e a força da teologia wesleyana, de modo especial para as mulheres. Historicamente ausentes e invisíveis nas mediações da Razão, da Tradição e da Bíblia, e violentamente afastadas do acesso a estas mediações, as mulheres só tinham trânsito na dinâmica da *Experiência*. Isoladas no âmbito da *experiência*, as mulheres não conseguiam mover-se pelo conjunto do complexo teológico que se desenhou na teologia wesleyana em sua origem e desenvolvimentos posteriores.

Isoladas e idealizadas na *experiência* – caracterizada como realidade pré-discursiva – não havia condições objetivas para a suspeita e a diferença.

“Questões acerca da natureza construída da experiência, acerca de como os sujeitos são, desde o início, constituídos de maneiras diferentes, acerca de como a cisão de um sujeito é estruturada – acerca da linguagem (ou discurso) e história – são postas de lado”.²²

A *experiência*, entendida como evidência, essencializa as diferenças reproduzindo sistemas ideológicos consolidados na cultura. A diferença existe, mas o elogio da experiência essencial oculta a lógica de produção e funcionamento da diferença. Sendo assim, as relações que produzem a diferença não são expostas e a desigualdade é normatizada e naturalizada.

Este apelo à *experiência* como ponto originário do discurso teológico enfraquece qualquer tentativa crítica que pergunte pelas di-

²² Joan SCOTT, Experiência, in *Falas de Gênero – teorias, análises, leituras*, Editora Mulheres, 1999, Florianópolis, p. 26.

ferências e suas hierarquias de desigualdade. Neste sentido, a experiência que as mulheres faziam no metodismo trabalhava com as evidências da realidade de miséria e pobreza, de violência e abandono, de discriminação e submissão, mas não revelavam para as mesmas mulheres os mecanismos internos de produção e reprodução desta situação concreta.

Este isolamento das mulheres no pólo da experiência – também do laicato sem acesso às mediações do discurso da razão, do texto e da tradição – explicaria os limites invisíveis e ferozes que as mantiveram no desempenho de papéis subsidiários e de reforço de funções femininas de âmbito doméstico extensivos à vida comunitária (educação, saúde, alimentação, ornamentação, cuidado de crianças e idosos/as, etc.).

Aqui, a teologia wesleyana desiste de toda e qualquer originalidade ou criatividade para se alinhar com as demais confissões protestantes e com o catolicismo romano na manutenção e auto-reprodução do patriarcalismo religioso e suas relações incestuosas com o patriarcalismo do capital e da guerra. Incapaz de desistir do racismo, do sexismo, da irresponsabilidade ecológica e das generosidades do imperialismo ocidental, se confunde e se camufla na defesa de uma civilização incapaz de fazer arder o coração.

Ainda está distante e diante de nós o desafio de perguntar, pesquisar, suspeitar e entender as relações sociais de poder e gênero na teologia wesleyana. Os espaços de pergunta e pesquisa são poucos. O espaço da suspeita não existe no âmbito mesmo da teologia e da eclesiologia wesleyana no Brasil. Por isso a Igreja Metodista no Brasil não tem espaço nem respeito para com suas filhas que articulam a experiência religiosa com o estudo, com a construção de um discurso e práticas feministas: somos desencorajadas, silenciadas ou excluídas como se tivéssemos ultrapassado a secreta fronteira da Experiência e nos atrevêssemos a articular autonomamente Razão – Bíblia – Tradição.

O problema maior não está somente na formatação de gênero da teologia metodista, mas, e de modo dramático, nas relações sociais de poder e gênero dentro do metodismo brasileiro.